

Discutindo e Trabalhando a Literatura

Guilherme Fromm

Literatura: substantivo feminino: 1. Ensino das primeiras letras; 2. Rubrica: literatura. uso estético da linguagem escrita; arte literária; 3. Rubrica: literatura. conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético, pertencentes a um país, época, gênero etc.; 4. Derivação: por analogia. conjunto das obras científicas, filosóficas etc., sobre um determinado assunto, matéria ou questão; bibliografia; 5. Ofício, trabalho do profissional de letras; 6. Conjunto de escritores, poetas etc. que atuam no mundo das letras, numa determinada sociedade; tertúlia; 7. Disciplina escolar composta de estudos literários; 8. boletim, folheto, conjunto de instruções etc. que acompanham certos produtos, para orientar o cliente ou o comprador sobre seu emprego; 9. Uso: pejorativo. palavreado vazio, de caráter inautêntico, artificial ou superficial.

Dicionário Houaiss Eletrônico

Muitas pessoas têm receio em relação à Literatura e, principalmente, ao aprendizado de Literatura. Vários professores formam-se todo ano e se sentem inseguros para trabalhar com as definições e metodologias de ensino dessa área, havendo inclusive um ódio declarado, onde se apregoam as maravilhas do ensino de língua e lingüística, disciplinas ditas mais objetivas. Esses profissionais, no entanto, quase nunca deixam de usar um recurso básico proporcionado pela área literária: o texto (qualquer que seja). Acreditamos não serem poucos os que sofrem dessa dialética com respeito àquela arte chamada Literatura¹. O objetivo deste artigo é, portanto, discutir dois conceitos que, ao nosso ver, são bastante polêmicos na área de Letras nos dias de hoje: o que é literatura e o ensino de literatura (seja no ensino médio, seja na universidade). Os conceitos de Literatura têm sido trabalhados desde Platão e Aristóteles até os nossos dias. Não pretendemos discutir aqui a

¹ As outras formas clássicas de arte seriam, segundo Massaud Moisés (2000): música, pintura, coreografia, escultura e arquitetura.

evolução conceitual, as escolas literárias espalhadas pelos diversos países ou como classificar autores; discutimos sim uma problemática mais atual, que é o modo de perceber e trabalhar com a Literatura.

O que é Literatura nos dias de hoje?

Tomando como base o verbete de Houaiss, trabalhamos, na área de Letras, com as definições de número um, dois, três, cinco e seis no que se refere às conceituações e estudos sobre a área e com a definição sete no que se refere ao processo de ensino/aprendizado dessas conceituações.

A definição um reflete uma concepção clássica, que reproduz o significado original da palavra Literatura. Tendo em vista as discussões a serem tecidas aqui, servirão como ponto de partida as definições dois e três. Vários autores parecem concordar com a idéia de que uma obra literária realmente faz um uso estético das palavras. Moisés (2000) ressalta, ainda, que só a palavra escrita, e não a oral, pode ser considerada literatura. Dados os problemas de análise do texto não escrito (como a difícil tarefa de transcrição para posterior análise do texto), concordamos com ele.

A grande discussão, acreditamos, está presente na definição três: *conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético*. O que seria, afinal, um reconhecido valor estético? Esse valor estaria embutido somente em obras de cânones literários como Machado de Assis, Fernando Pessoa, Goethe, Shakespeare e outros mais, ou também estaria presente em poesias escritas por Gentileza embaixo de viadutos², em histórias em quadrinhos para adultos de Alan Moore, em letras de música de Caetano Veloso? Como esse valor estético se constitui para julgar que tal obra deva entrar para o rol das grandes da história e que outra deva ser descartada?

É importante notar que o juízo de valor pessoal e social muda com o tempo. Esse juízo de valores é muito subjetivo e dependente dos humores sócio-econômicos de um país. Tomemos como exemplo Tiradentes, atualmente grande herói nacional (com direito a

² A história desse escritor foi contada pela cantora Marisa Monte em um de seus shows. Segundo a cantora, Gentileza, por ser pobre e sem condições de publicar seus poemas, os escrevia nas vigas de sustentação de viadutos no Rio de Janeiro. A proposta da prefeitura carioca de pintar essas vigas resultaria no apagamento de toda a obra do autor.

feriado), que já foi considerado traidor várias vezes (sem direito a feriado), inclusive no século vinte. Carlos Drummond é considerado um grande poeta nos dias de hoje. Conseguirá sua obra manter a mesma longevidade que a *Divina Comédia* de Dante? Será que Dante ainda será lido daqui a dois séculos? Cabe-nos lembrar que não há prazo de validade para um autor ser considerado canônico ou não. Há alguns que se mantêm em evidência há séculos, como Shakespeare³; outros fazem sucesso durante certa época, somem em outras, para posteriormente serem redescobertos. Isso tudo, acreditamos, é um reflexo do que é considerado *bom* ou *belo* em certos períodos, *ruim* ou *ultrapassado* em outros. O valor estético, portanto, é variável e representativo em cada época, ou seja, para estudarmos Kafka, por exemplo, não podemos dissociá-lo do momento histórico em que vivia, não podemos dissociar Literatura de História.

Outra questão que devemos abordar é a qualidade do conjunto. Serão *boas* todas as obras de um autor, considerado cânone literário, onde um conceito de dogma fica implícito? Difícil responder. Voltando a Machado, alguns consideram *Memórias Póstumas*⁴ uma grande obra, mas podem considerar *Dom Casmurro* de uma chatice sem fim (vejam só, o juízo de valores está em todo canto!). Só pelo renome devemos julgar um autor como se fosse uma grife, como se tudo por ele escrito fosse bom?

A Literatura lida com a linguagem que se sobressai em relação aquela usada diariamente, recriando de um modo inesperado, metafórico, o cotidiano. O bom autor, teoricamente, é aquele que consegue “penetrar”, cada um de uma maneira, no mundo do leitor. É aquele que tem grande domínio da língua, das suas potencialidades e, portanto, capaz de atingir muitos leitores, de diferentes níveis e classes sociais, ao mesmo tempo. Tais recursos, contudo, permeiam outras formas de comunicação. Um anúncio brasileiro de um carro, com sua linguagem altamente elaborada, não preencheria os requisitos acima descritos? E o que dizer da letra de uma música popular, cantada em toda a nação? E a

³ E, afinal, porque ele continua sendo lido, atuado nos teatros e adaptado para o cinema? Talvez a resposta resida no diálogo que ainda hoje consegue estabelecer com os leitores/ouvintes, dada a atualidade dos temas abordados há mais de quatrocentos anos.

⁴ Especialmente em virtude do uso de um recurso bastante comum nos filmes atuais: o flashback.

mensagem do grafite na parede, lida diariamente por milhares de pessoas? E um blog⁵ disponível na Internet?

O conceito de Literatura deve ser urgentemente revisto. Não basta dizer que inclui obras de ficção muito bem escritas e que se perpetuam na história. Tudo isso pode ser contestado. Os juízos que fazemos das obras mudam, suas classificações como *boas* ou *ruins* também mudam, contudo algo parece ser imutável: a necessidade, por parte de muitos intelectuais e professores, de trabalhar só com aquilo que é considerado cânone, tradicionalmente aceito, sem contra indicações. Provavelmente as descrições intermináveis de *Bentinho*, nesta sociedade das mídias de alta velocidade em que vivemos, estejam se tornando tediosas. Devemos insistir tanto em um autor e deixar milhares de outros, mais próximos da realidade atual, passem despercebidos? E como devemos trabalhar com esses clássicos?

O ensino tradicional na escola

Ainda retomando as definições de Houaiss, note-se a de número sete: Loos (2003) afirma, em seu artigo, que guardava más recordações de suas aulas de Literatura no colegial. Como a autora, muitos devem sentir o mesmo, principalmente motivado pela abordagem metodológica do professor. Afinal, o que era a Literatura? Um emaranhado de escolas literárias a partir das quais restava a impressão de que períodos estanques⁶, com datas de início e de final para decorar, eram seqüenciados em análises, cujos parâmetros não eram compreensíveis (embora parecessem muito claros para o professor) e cujas conclusões nunca se conectavam com a realidade dos estudantes.

Para que servia a aula de Literatura enfim? Muitos acreditavam (ou acreditam) que era mais complicada que aquelas intermináveis análises sintáticas da aula de português (sem nenhum desmerecimento, é claro). O trabalhar único e exclusivo com obras dos grandes cânones fazia com que a Literatura parecesse algo morto, algo que não nos dizia respeito, algo que fora escrito pelos avós de nossos avós para suas épocas, não para a nossa.

⁵ Diários pessoais, que qualquer pessoa pode publicar na Internet.

⁶ Era praticamente norma o desvinculamento dos movimentos histórico-sociais que forjavam uma nova escola. Como explicar o Barroco, por exemplo, sem citar as correntes artísticas, filosóficas e políticas da Idade Média e do Renascimento, de cujos conflitos nasceu esse movimento?

A ordem dos fatores não altera o produto

Por que, tanto na universidade quanto na escola, ao invés de começarmos o ensino de Literatura com o que está mais distante e cuja compreensão é mais difícil, não começamos com o que está cronologicamente mais perto e, à medida do amadurecimento crítico dos alunos, buscamos o recuo temporal? Desse modo o aluno chegaria a ler uma poesia trovadoresca do início da língua portuguesa com as ferramentas de análise já bem desenvolvidas e teria prazer nessa leitura. Por que não inverter a ordem cronológica?

É obrigatório que respeitemos os cânones, apresentados nos livros que trabalhamos com nossos alunos? O que está mais perto da realidade de um aluno da periferia de São Paulo: um poema de Manuel Bandeira ou uma letra de RAP comentando seu cotidiano? Essa letra de RAP (que, em inglês, significa ritmo e poesia) não teria elementos suficientes para uma análise literária? Não estariam, seguindo a mesma linha de raciocínio, as músicas sobre “cachorras” e “egüinhas” dos bailes funk da periferia do Rio mais próximas dos seus usuários? Os alunos podem trabalhar os conceitos básicos de escansão, como a métrica, o ritmo, a rima e a análise lexical a partir dessas composições contemporâneas. Quando esses e outros conceitos de teoria literária estivessem bem fundamentados, poderíamos então retroceder no tempo e fazer com que os alunos percebessem porque os cânones, afinal, o são assim considerados.

Isso não só funcionaria para a poesia, mas também para a prosa. O que está mais relacionado com a vida de um estudante da classe média: um romance de Eça de Queiroz ou uma crônica de Rubem Braga? Apesar de serem estilos diferentes, não seria mais fácil começar um estudo com uma crônica, curta e atual, do que com um romance, longo e muitas vezes “cronologicamente desatualizado” em relação à realidade brasileira atual?

To be or not to be

Parafraseando Shakespeare, essa (ainda) é a questão para quem trabalha com literatura estrangeira. Mais um problema se interpõe ao processo de aprendizagem: a barreira da língua. Qual a profundidade de uma análise e o prazer que pode advir de uma leitura em determinada língua estrangeira se trabalhamos somente com traduções das obras? Se muito perdemos na prosa, na poesia perdemos quase tudo. Poucos são os

tradutores que se arriscam a traduzir poesia, razão pela qual há raros materiais na praça. Terá um professor de literatura estrangeira que ficar eternamente preso às traduções? E as especificidades lingüísticas do idioma, a cultura da sociedade subjacente ao texto, como recuperar tudo isso? O professor de literatura estrangeira tem um duplo desafio em mãos.

Longas jornadas

E a formação dos professores? Hoje em dia, como muitos sabem, dar aula significa trabalhar três períodos ininterruptamente e passar o fim de semana preparando aulas e corrigindo trabalhos e provas. Quantas horas o professor de literatura (ou de qualquer outra matéria) pode reservar de seu dia para se atualizar? Por quantas horas ele pode ler por prazer e ter a capacidade, quando algum aluno perguntar, de responder qual o seu autor contemporâneo preferido? Como explicar, sem ter lido sequer uma obra sua, que Paulo Coelho, autor esnobado por muitos críticos literários, se tornou um imortal da Academia Brasileira de Letras?

Concluindo

Sabemos que nesse artigo propusemos mais perguntas do que respostas. Um momento de profundas reflexões é também um momento de descobertas. A reflexão, neste momento, é essencial para que possamos tornar os nossos alunos proficientes na capacidade de ler criticamente (o que acreditamos ser o grande objetivo) e, acima de tudo, para que esses alunos busquem prazer nessa estranha e fascinante área chamada Literatura.

Sugestões de Leitura

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, s/d. Dentre muitos autores que já li, Eagleton é um dos que tem a postura mais “moderna” acerca da Literatura. Colocando de lado antigos conceitos, ele questiona, na introdução do livro, tudo o que é canônico na área e provoca no leitor uma postura crítica.

GOMES, Álvaro. C. & VECHI, Carlos. A. **Introdução ao estudo da literatura**. São Paulo: Atlas, 1991. Esses autores apresentam uma visão mais tradicionalista do que é Literatura. Apesar desse tradicionalismo, o livro faz uma interessante divisão entre as visões diacrônicas e sincrônicas do que é um trabalho literário.

LOOS, Solange. **O papel do professor de literatura na formação de leitores**. Consultado em 20.01.2003 in <http://www.educacional.com.br/articulas/artigo0019.asp>. Página com boa discussão e referências bibliográficas acerca do ensino de literatura.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária – poesia**. São Paulo: Cultrix, 2000. A autoridade do autor fala por si só. Na introdução do livro (que é o primeiro de uma série), discute a conceituação de literatura. Bastante comedida, sua análise se situa entre o vanguardismo de Eagleton e o tradicionalismo de Gomes & Vechi.

Guilherme Fromm, professor universitário na cidade de São Paulo, é doutorando em Língua Inglesa, mestre em Lingüística, especialista em Tradução e graduado em Letras e História.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.